

olhos

Adriana Tashiro
Alysson Korneta
Carla Irusta
Caroline Lopes
Gustavo Araki Nagata
Hans Mart
Jaciane Staggemeier
Joana Dib
Misk
Sofia González Gamez
Suzana Rendón
Vânia Pierozan

palavra

Alexandre Palmar
Anália González Gamez
Daniel Braga
Daniela Schlögl
Douglas Diegues
Fábio Campana
Giovanna Freire
Luiz Carlos Felipe
Maria de Nadai
Paulo Bogler
Silvio Campana
Tania Diniz
Waldete Cestari
Yassine Ahmad Hijazi

escrita 12

guatá - cultura em movimento



Mundo de...era

Acesse culturas. Assim, no plural.

www.guata.com.br

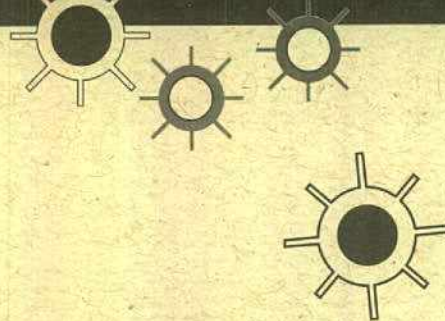


augusto som

“Temo que, mesmo entre nós, muita gente ainda pense em arte como adorno, e nós dizemos: não é! A Palavra não é absoluta, Som não é ruído, e as Imagens falam. São esses os três caminhos reais da Estética para o entendimento: a palavra, o som e a imagem. São também os canais de dominação pois estão os três nas mãos dos opressores, não dos oprimidos: a Palavra dos jornais, o Som das rádios, as Imagens da TV e do cinema estadunidense, dominam nossos meios de comunicação e invadem nossos cérebros com seu pensamento único, seus projetos imperiais e suas mercadorias. Acabou-se o tempo da inocência... o tempo da contemplação já não é mais. Temos que agir! Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser conquistados pelos oprimidos como formas de libertação. Não basta consumir Cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir idéias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. A Estética é um instrumento de libertação.

Augusto Boal, dramaturgo brasileiro.
Fragmento do texto lido no Fórum Social Mundial,
em Belém do Pará, no dia 31 de Janeiro de 2009





memória

Final dos anos 20 do século XX. Comunidade indígena, que habitava a região do Rincão São Francisco, em Foz do Iguaçu, recebe catequistas brancos. Foto atribuída a Hans Mart.

escrita 12

- 03 - Tirando de Letra - Augusto Boal
04 - OLHOS - Hans Mart
06 - Ponte das Nações - Yassine Ahmad Hijazi
07 - OLHOS - Alysson Korneta
08 - Cultura: que negócio é esse? - Paulo Bogler
10 - OLHOS - Caroline Lopes
12 - OLHOS - Joana Dib
13 - Continhos - Tania Diniz
14 - Poesia - Waldete Cestari
15 - OLHOS - Suzana Rendón
16 - OLHOS - Carla Irusta
18 - E'Guatá - Museu da Terra Guarani
20 - OLHOS - Jaciane Staggemeier
21 - De vuelta a los orígenes - Douglas Diegues
22 - Quimérico Mundo - Fábio Campana
26 - OLHOS - Misk
27 - Poesia - Analia González Gamez
28 - Poesia - Daniel Braga
29 - OLHOS - Gustavo Araki Nagata
30 - Olhos & Palavras - Adriana Tashiro,
Daniela Schlögl, Giovanna Freire, Maria de Nadai
32 - Ahh, Pôr do Sol, Alexandre Palmar
33 - OLHOS - Vânia Pierozan
34 - Um toque - Luiz Carlos Felipe

Escrita é uma publicação
da Associação Guatá - Cultura em Movimento,
entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu,
Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente
a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler,
Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Maria Cristina Lobregat - **Foto da Capa:** Caroline Lopes

Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição:

Adriana Tashiro, Alexandre Palmar, Analia González Gamez,
Alysson Korneta, Ana Carolina Miskalo, Aurea Cunha, Carla Irusta,
Caroline Lopes, Daniela Schlögl, Daniel Braga, Douglas Diegues,
Fábio Campana, Giovanna Freire, Gustavo Nagata, Jaciane Staggemeier,
Joana Dib, Luiz Carlos Felipe, Maria Cristina de Nadai,
Maria Cristina Lobregat, Mirtha Suzana Rendón, Misk, Paulo Bogler,
Sofia González Gamez, Tania Diniz, Vânia Pierozan,
Waldete Cestari e Yassine Ahmad Hijazi

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal.
Tiragem desta edição: 2.000 exemplares



Na capa:



*"Quem vai primeiro",
da iguaçuense Caroline Lopes.
Sensibilidade num olhar
detalhista e atento ao cotidiano
da vida na fronteira.*

Visite-nos:

www.guata.com.br

Contate-nos:

guata@guata.com.br

Guatá
cultura em movimento

Museu da Terra Guarani

*A trajetória da cultura guarani na região
do lago de Itaipu. No Paraguai, em Hernandarias,
um museu diferente espera por você com parte
da história da América do Sul.*

A atual edição de Escrita marca pela inauguração de nova etapa na vida da revista da Guatá. A partir deste número, Fábio Campana passa a nos contar um pouco sobre detalhes da história da América Latina em relatos de seres e fatos extraordinários que, apesar de peças do real, povoam nosso imaginário e a literatura tal as suas incríveis peculiaridades. Em "Quimérico Mundo", primeiro ensaio da série, o escritor paranaense discorre sobre a cobiça, a tirania e os descaminhos desde a chegada dos europeus ao continente. De outro lado, a revista 12 mantém a referência de nossas publicações combinarem o registro inédito da expressão de jovens, com a produção mais madura de autores já consagrados. Assim, numa trincheira com sotaque espanhol, por exemplo, temos a poesia da estudante paraguaia Analia González, a pintura missioneira de Suzana Rendón e, finalmente, a ilustradora Carla Irusta, uma argentina com alma brasileira, que, direto de Barcelona, Espanha, empresta seus traços para compor em nossas páginas. Ao lado das três, mais um punhado de gente, falando linguagens que vão da fotografia ao portunhol, completam as belezas dessa nova Escrita. Bom proveito.

☀ Silvio Campana

escrita 05

uma crônica de yassine ahmad hijazi

Fotografia: Ponte da Amizade em construção, nos anos 60. Autor desconhecido.

Um bolo, salgadinhos e refrigerante. Esses são componentes para um aniversário humano. Mas quando o aniversário reúne humanidade quais os ingredientes? Optei em fazer a homenagem por meio de lembranças e de sentimentos que ela, a Ponte Internacional da Amizade, provocam todos os dias desde que a vi pela primeira vez em 1988. Eu chegava, era estrangeiro e, ela era uma jovem, com 23 anos de existência. Hoje aos 45, após 22 do primeiro encontro permanece firme, altiva como o sonho de seus criadores.

Como um humano a ponte também atravessa crises, enfrenta momentos de pouca estima e como se pensasse, reiventa-se a cada carro que passa a cada pegada deixada por sapatos das mais diferentes nacionalidades. Nasce com o sol, adormece vestida com a luz da lua. Banha-se com a chuva, brilha com o relâmpago e pulsa com o trovão.

Se abandono o campo poético, e observo com olhos de economista, vejo que o acesso soma para o desenvolvimento de dois países unidos por uma ponte. Ao fazer esta análise vejo sobre ela o primeiro carro da marca 1965, imortalizado pelas imagens da inauguração. Vejo a safra, as máquinas carregadas sobre máquinas. Vejo os tecidos, as confecções, os importados, os eletrônicos, alimentos, esse ir e vir econômico, fundado na cultura. Tudo, tudo que passa

sobre ela.

Num delírio bem mais humano, se lançar flechas sobre o não fazer da ponte diria: ela é “o corredor do tráfico”, “o caminho da muamba”, o “acesso de carros roubados”, “descaminho”. Em um rompante pouco civilizado diria: então que se comemore com gás lacrimogêneo, botinas militares. Ao retomar a consciência tenho de reconhecer: não é a ponte, são os gestos humanos que fazem da ponte gentil carga para o desalento.

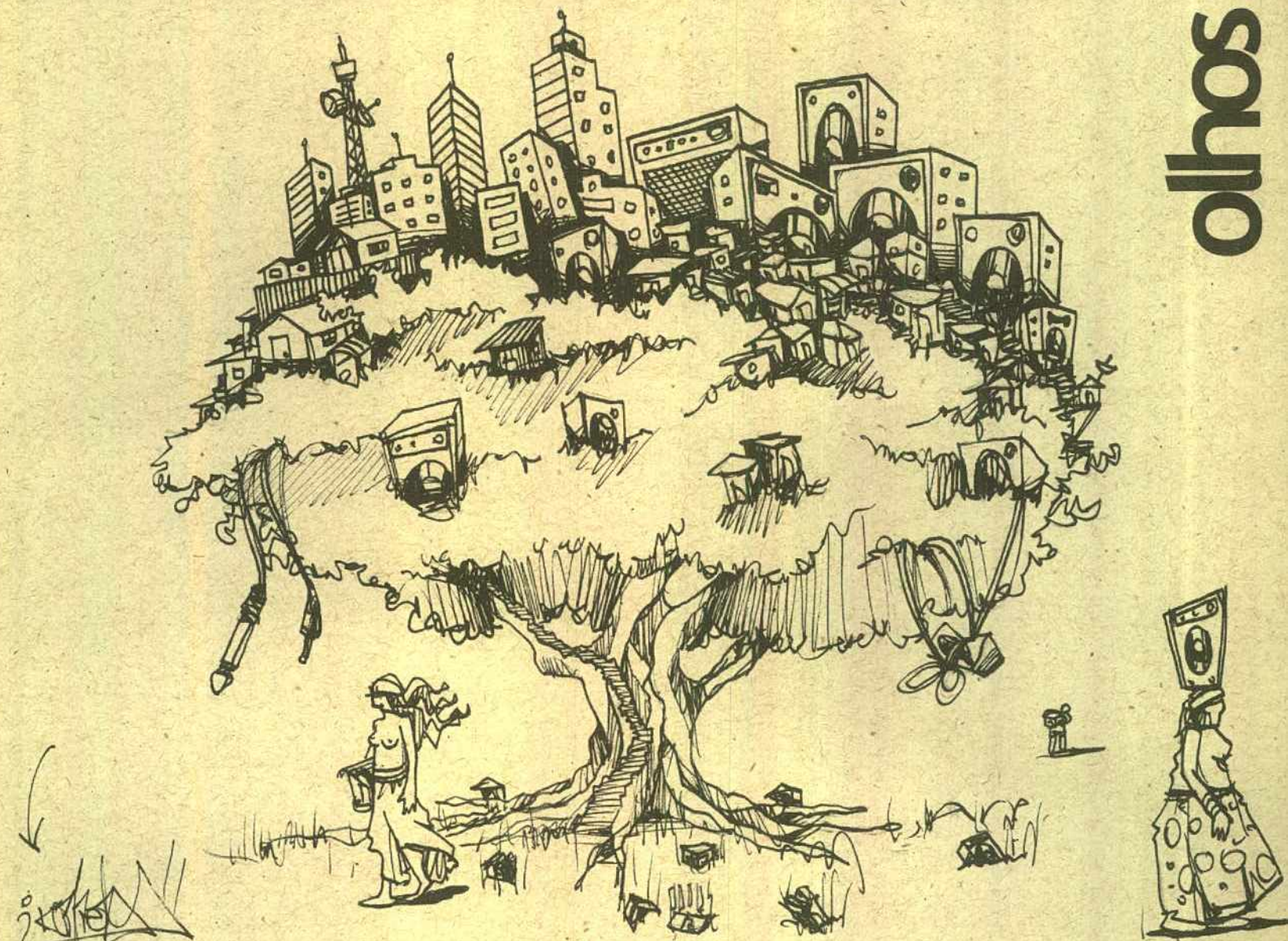
Se observo o rio que a observa de baixo, vejo que ele em algumas estações ruga cheio de água turbulenta. Nesse período ela se faz forte, porque é forte. Quando a água das chuvas deixa o leito, ela no silêncio mostra seus pés cheios de lama, resultado da força que fez contra a força que a fortalece.

Quando penso no som o primeiro é o de buzinas roucas, apressadas aflitas. De escapes pouco conservados, de humanos desenfreados em seus volantes. Se penso em música vê-me uma dúvida. A ponte tem um hino? Tem uma música?

Quando penso na história da ponte em seus 45 anos não posso deixar de ser exato de mencionar seus construtores, seus idealizadores: Brasil e Paraguai. Da pátria verde e amarela, o italiano Bruno Bianchi. Da bandeira vermelha, azul e branca seu Lírio Avalos. Os dois somam aos outros trabalhadores. Então digo: parabéns aos humanos e que a ponte-humanitária tenha o significado de sua importância seja no campo poético, econômico, político, arquitetônico, turístico, bilateral, internacional, de amizade... ✨



Yassine Ahmad Hijazi é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



árvore favela

Desenho de Alysson Korneta, ilustrador e artista em Jaraguá do Sul, SC.

Cultura:

um ensaio de paulo bogler

A desigualdade é uma marca histórica da sociedade brasileira. O Brasil está entre os países com os piores índices de distribuição de renda, onde a parcela de 10% da população mais pobre detém apenas um 1% da renda, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Já os 10% de brasileiros mais ricos abocanham quase a metade da riqueza nacional. São números que pouco ou quase nada se alteram na passagem dos anos.

Neste contexto, só pode ser acertada a posição daqueles que aceitam a contradição como sendo motor da vida social, especialmente, nas sociedades baseadas na economia de mercado, guiadas pela vertigem provocada pela mercadoria, o consumo e o espetáculo.

O resultado das relações estabelecidas de forma desigual entre os que os que produzem e os que se apropriam da produção, traduzido para o terreno da cultura, refletem a exclusão e o abismo existente no acesso à produção e à circulação de bens e serviços culturais entre indivíduos que dispõem formalmente dos mesmos direitos.

A imensa maioria dos brasileiros permanece relegada ao consumo de conteúdos veiculados pelos grandes grupos de televisão e de outras mídias, tidos ainda hoje como os bastiões da cultura nacional, esteios da comunicação, porta-vozes daquilo que se ouve, se vê, se encena e se sonha.

O patrimônio cultural brasileiro é rico e diversificado, materializado no conjunto de técnicas e expressões artísticas, na língua e na linguagem, nos costumes, na memória e no patrimônio histórico. São valores relacionados à vivência social, que operam sentido de forma permanente na realidade das pessoas, em oposição à ação cultural direcionada apenas para o evento, a ostentação e para o entretenimento.

Em contraste com a grande e variada produção, o abismo no acesso à cultura é enorme. Ricos e pobres gastam cerca de 4% de suas respectivas rendas com atividades culturais. Basta este dado para explicitar as diferenças entre os dois pólos do estrato social.

E podemos ir além. Mais de 90% dos municípios não possuem salas de cin-

que negócio é esse?



Brasileiros:

- 92% da população nunca foi a um museu
- apenas 13% frequenta cinema pelo menos uma vez por ano
- 93% de nosso povo nunca apreciou uma exposição de arte

ema, teatro, museus e espaços culturais de uso variado. Apenas 13% dos brasileiros frequentam cinema pelo menos uma vez por ano, 92% nunca foram a museus e 93,4% de nosso povo jamais apreciou alguma exposição de arte, de acordo com estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada com o objetivo de situar a realidade cultural e subsidiar ações e políticas para esta área.

Em 2009, 1.152 municípios brasileiros não tinham bibliotecas públicas, conforme recente estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que traçou um censo dos equipamentos de leitura de todo o país. O levantamento informa, também, que praticamente a metade das bibliotecas tem computador com acesso à *internet*, mas que menos de um terço delas oferecem este serviço para a população. O censo apontou que só 12% dos espaços permanecem abertos aos sábados e 1% aos domingos, 24% deles mantêm funcionamento noturno e que mais de 90% não têm condições de acessibilidade para pessoas especiais. Também é baixa a incidência de atividades culturais

desenvolvidas nas bibliotecas.

Na mecânica da atividade cultural, a quantidade de acesso, produção e consumo de bens, serviços, produtos e manifestações culturais, é a medida do impacto da cultura na qualidade e no modo de vida das pessoas.

Deste modo de enxergar, os programas culturais são derivados do entendimento político, o compromisso e a responsabilidade dos agentes públicos estatais com a promoção e a ampliação do universo simbólico e a capacidade criativa, as manifestações, expressões e a identidade de um povo.

A universalização da cultura através da produção e do consumo, a garantia de financiamento e a democratização por meio da participação e o controle social se convertem em fato e resultado se operarem a salvo do vício do aparelhamento e do compadrio político-partidário.

Em seu oposto, presa a práticas de paróquia, a ação cultural não deixará de representar apenas um bom negócio para alguns e fator de exclusão de muitos.



Paulo Bogler é produtor cultural em Foz do Iguaçu, Pr.

capa

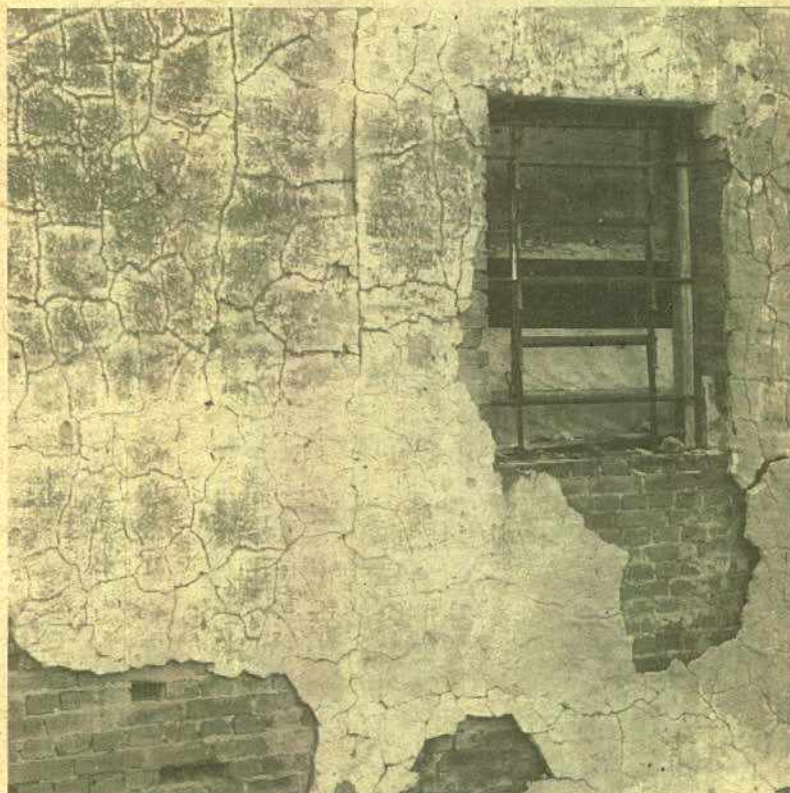


carolinelopes

10 *escrita*

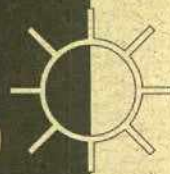
olhos





Da esquerda para a direita,
 "Bicicleta"
 "Eu vou primeiro",
 "Voo",
 "Escombros".

Fotos digitais de Caroline Lopes,
 turismóloga e fotógrafa em Foz do Iguaçu, Pr.



Sem título

Painel de Joana Dib, artista plástica em Foz do Iguaçu, Pr.
A.S.T e textura, 80 x 120 cm. (Original em cores).
Contato: joanadib@gmail.com



continhos

de tania diniz

exótico

Ele gostava de deixar entre
as páginas de seus livros e cadernos
pequenas flores,
folhas diferentes e até insetos que,
desidratados pelo tempo,
tornavam-se exóticas
lembranças coloridas.

Atormentado pela saudade do amor
desfeito, pegou a imagem dela em
seu coração e colocou-a
entre as folhas de seu
missal poético.

Tempos mais tarde, ao reler seu
poema predileto, virou a página
e descobriu-a.

Uma imagem sulcada por finas
rugos, amarelada na poeira
do tempo e que,
apenas, exalou um perfume
sutil como um suspiro de anjo.

Era uma lembrança
desidratada pela
dor de se sobreviver à ela.

negócios

Abrira uma fábrica de beijos
com grande sucesso.
Eram beijos de despedida, beijos
de amor, beijinhos doces e até beijos
roubados (muito procurados). Mas a queda
de seu império começou assim que,
ambicionando maiores lucros, lançou
no mercado o primeiro beijo-de-Judas.

lavoura

Lavrador experiente, mãos calejadas,
olhar agudo, lábios ressecados pelo clima.
Da enxada, o duro cabo.
Todos os dias, ao som de violas
e cheiro de mato, em cada aurora,
semeava sonhos ali, onde a cada poente
arava estrelas no corpo dela.

jóia

Abriu a caixinha de jóias e tirou a lua cheia.
O quarto, crescente de luz, clareou tanto
que as paredes se tornaram transparentes
como cristal e ela se assustou.
Prendeu logo a lua no cordão de ouro
do pescoço e foi namorar. Toda iluminada.

Eduardo Hotel

A sua casa fora de casa!

FONE: (45) 3574-3436

www.eduardohotel.com.br

Av. das Cataratas, 927
Foz do Iguaçu - Paraná - Brasil

VIRTUOSE



ESCOLA DE MÚSICA
& TECNOLOGIA

Fone: (45) 8414.4368

www.escolademusicavirtuose.com.br

Av. Rep. Argentina, 1106
Centro, Foz do Iguaçu, Pr.



Sigilú's

contabilidade e assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br

Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

System

Manutenção
de computadores



(45)9942.3350

raphaelbessoni@hotmail.com



Tânia Diniz é poeta, contista, editora, promotora cultural e professora
de idiomas em Belo Horizonte, MG. Contato: memerg@gmail.com



se as linhas
faz uma vida
como quantas

Quando eu era menina, era apaixonada
pela linha do trem. Punha os ouvidos nos trilhos para ouvir
se o café-com-pão, café-com-pão vinha vindo.
Quando ele passava, eu ia junto com ele em meus pensamentos.
Viajar, viajar, sentir o vento batendo no rosto.
Ver o mundo da janela do trem.
Quando cresci um pouco, aprendi a bordar com linhas coloridas.
Primeiro uma casinha, depois uma flor.
E durante muito tempo na minha vida, fiz casinhas, florzinhas,
montanhas, plantas e bichos com linhas das mais variadas espessuras e cores.
Muitas vezes espetei o dedo com a agulha e de repente,
qualquer linha se tornava vermelha.
Quando crêski mais um pouco, comecei a fazer crochê.
Fiz muitos biquinhos; primeiro com linhas de bordar,
depois com linhas de crocheter.
E toalhinhas, tapetes e por último, casaquinhos de lã e sapatinhos.
Quando entrei no grupo escolar, conheci as linhas do caderno.
Elas registravam a tabuada, as caravelas de Colombo,
os nomes dos rios e todos aqueles pensamentos que eu tinha sobre as coisas.
Era a parte da qual eu mais gostava:
soltar o lápis pelas linhas e viajar com personagens para o país da fantasia.
Nas primeiras linhas do primeiro caderno
registrei com letra meio disforme, apertada,
o meu nome e minha primeira frase: a pata nada.
Quando fui para o colégio, usei todas as linhas: de bordar,
de crocheter, de tricotar, de sonhar, de criar, de inventar.
Lá também ouvi que mulher tinha que ter linha.
Mas a gente já tinha tantas! Que linha seria essa?!Depois conheci as linhas de pensamento, as linhas de fé,
as linhas de conduta, as linhas de sucessão, as linhas de pescar,
as linhas da mão, as linhas de crédito, as linhas cruzadas, as linhas de tiro
e tantas outras linhas complexas, complicadas, esdrúxulas,
que só não enovelaram minha cabeça,
porque ela estava cheia de boas lembranças das linhas de bordar,
de crocheter, de tricotar, de sonhar
e da linha do trem que trazia a locomotiva e seus vagões,
fascínio de uma vida toda, que me levava a viajar pelo mundo,
sem sair da linha da imaginação.

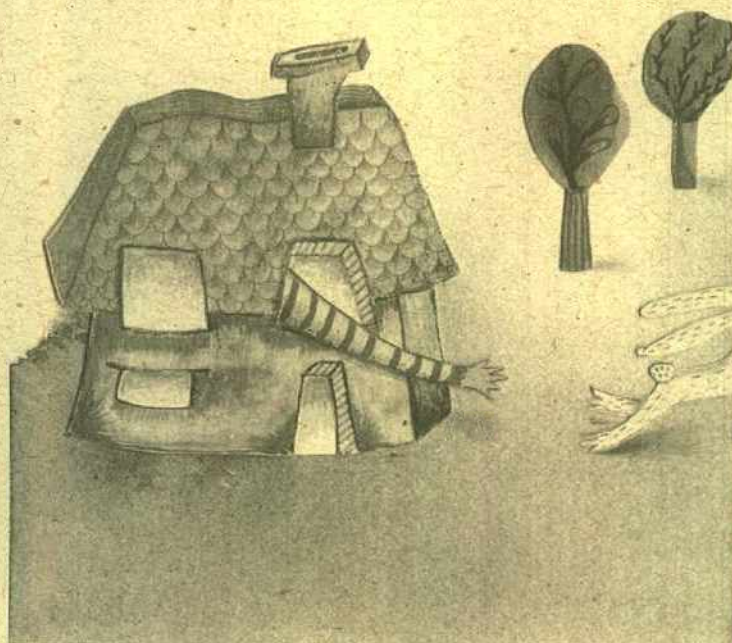




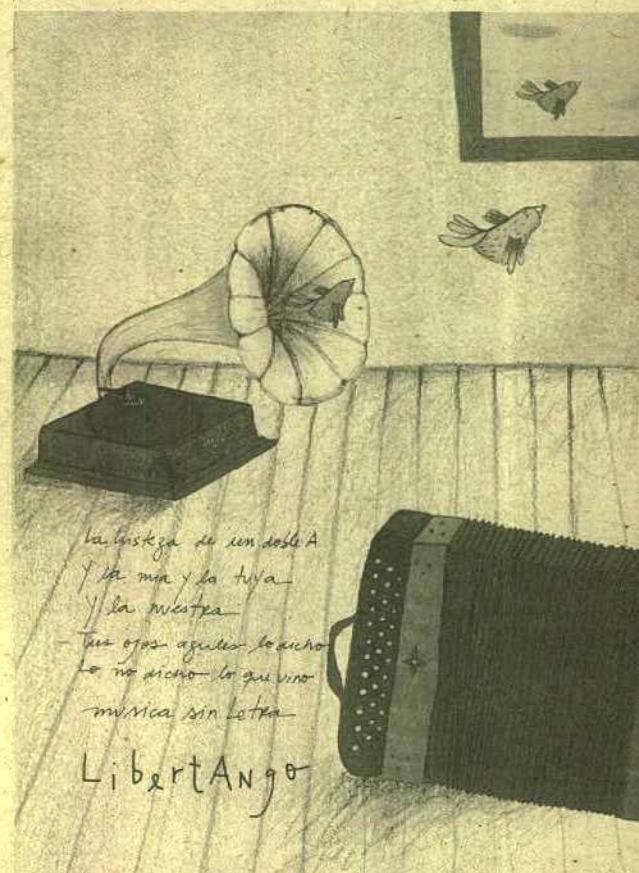
Os Sobreviventes II



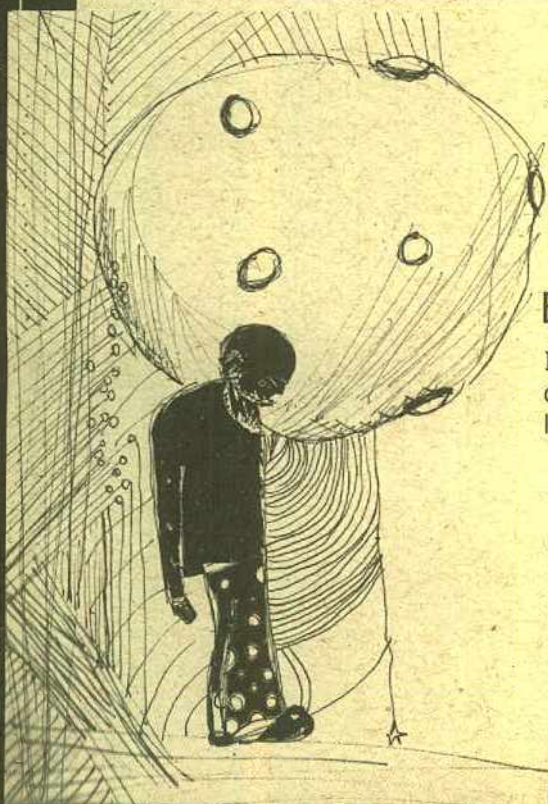
Óleo sobre tela de Mirtha Susana Rendón,
artista plástica em Apóstoles, Misiones, Argentina.



Libertangome



Alicia

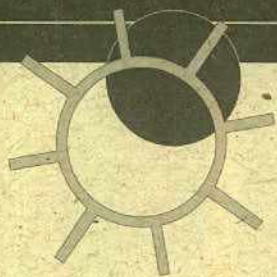


El Hombre sin nombre

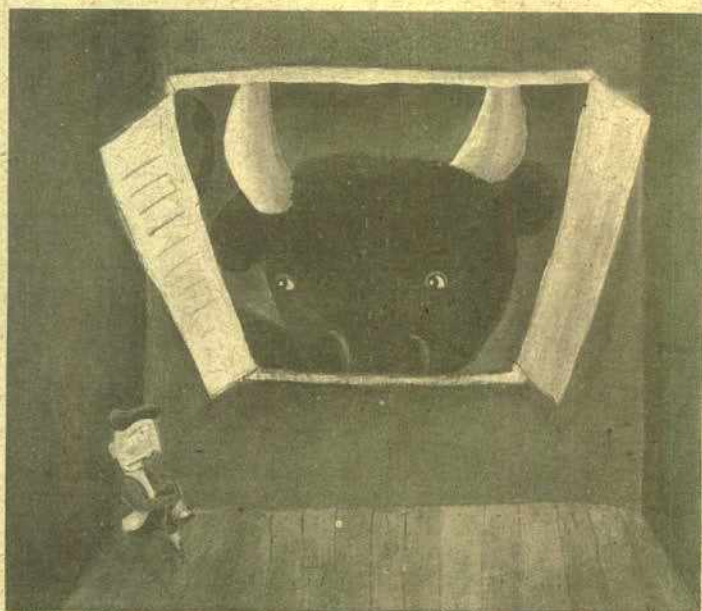
Inspirado num grafite em Barcelona
que dizia: "para el hombre de hoy,
la luna no pasa de un queso".



Desenhos de Carla Irusta, ilustradora em Barcelona, Espanha.
"Metade brasileira, mitad argentina", como ela gosta de se anunciar.
Contato: carla_tele@hotmail.com



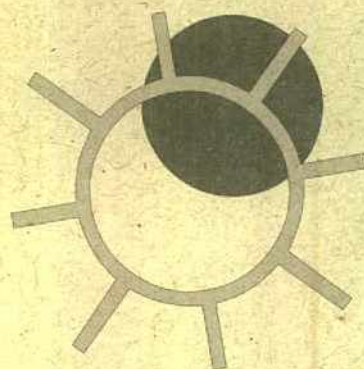
carla irusta



Peores miedos



Gatão



olhos

escrita

17

Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

Uma história de 10 mil anos

Graças à tecnologia multimídia pode-se fazer um passeio pelo "Mundo Guaraní" e conhecer seu sistema religioso, social, econômico, tecnológico, lingüístico e tudo o que se refere a esse maravilhoso mundo dos primeiros habitantes da América do Sul.

No "Mundo das Ciências" estão inclusas informações desde o século XVI até os dias de hoje, passando pela chegada dos exploradores que vieram atrás do ouro, os primeiros contatos entre europeus e índios, linha do tempo, a relação entre os dois povos durante o Período Colonial (século XVII e XVIII), povoamento do continente americano, a origem e a expansão do tupi-guarani, até chegar ao século XX,

Texto de Analía González Gamez
Fotos: Sofia González Gamez

observações

Localização:

Distrito de Hernandarias, aproximadamente a 10 km ao norte de Ciudad del Este, no Departamento Alto Paraná, Paraguai.

Horário de Atendimento:

Segunda: 14:30 às 17:00 horas.
De Terça a Sábado:
08:00 às 11:30 e das 14:30 às 17:00 horas.
Domingo: 08:00 às 11:30 horas.

e'guatá
visitar, conhecer, vivenciar.



O Museu da Terra Guaraní ilustra 10.000 anos de história. Conhecer-lo é fazer uma viagem não só pela memória, mas pela cultura dos habitantes de seu entorno. O local onde encontram-se informações sobre a formação do povo e o Mundo das Ciências, com informações sobre a história e a cultura dos habitantes de seu entorno.

Entrada: Gratuita.

Informações:

(595) (61) 599-8040
arevalos@itaipu.gov.py

Como chegar:

O acesso se dá através da rodovia que liga Ciudad Presidente Franco a Saltos del Guairá.



Reprodução do ma

DICA: Passeio



ACESSE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS



Terra Guarani

história dos povos indígenas que habitaram a região. História do Rio Paraná, mas por sua natureza e pela forma de vida dos antigos povoadores guaranis, o mundo é dividido em dois pavilhões: o Mundo Guarani, com exposições sobre a biodiversidade da região.

com a geração de energia e a história da Itaipu. Além do mais, neste pavilhão existe uma vasta classificação de animais e plantas da região.

Embora não seja muito grande, o Museu da Terra Guarani não perde em nada para os museus do primeiro mundo. Um lugar, sem dúvidas, ideal para se conhecer um pouco mais sobre nossos ancestrais! Ao lado dele, existe um Zoológico, espaço no qual a Itaipu conserva a riqueza da vida animal que habita na margem paraguaia do Rio Paraná. Além de contar com um Centro de Pesquisas sobre Animais Silvestres, um Viveiro Florestal e uma Estação de Aquicultura.

O ambiente é muito arborizado e conta com lugares especiais para se fazer piqueniques. É importante ressaltar que o visitante que pretenda estender um pouco mais o tempo de visita deve levar alimentos e água, pois no lugar não há restaurante, nem lanchonete.



na época da chegada dos europeus a esta região da América. A fauna e peças arqueológicas da cultura guarani fazem parte do acervo.

em grupo e não esqueça da exigência de documentos de identificação para transitar no país vizinho.

DO IGUAÇU COMO UMA DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!



Casas Ajita
CALÇADOS

PROMOÇÃO PASSO A PASSO

AO COMPRAR NAS CASAS AJITA, VOCÊ GANHA UM SELO(*). COLE OS SELOS NA SUA CARTELA ATÉ PREENCHÊ-LA E TROQUE POR DESCONTO OU BRINDE.

AQUELE ALGO MAIS PARA QUEM SABE COMPRAR BEM.

(*) O selo corresponde a um valor mínimo de compra, estipulado pela loja para cada período da promoção.

Visite nossa vitrine virtual
www.casasajitafoz.com.br

Duas lojas em Foz do Iguaçu!

(45) 3523-4525

Av. Brasil, 400, Centro

(45) 3028 2545

Av. Costa e Silva, 115
Shopping Cataratas JL

contato@casasajitafoz.com.br



domingo

Fotografia digital de Jaciane Staggemeier, comerciária em Foz do Iguaçu, Pr.

uma crônica de douglas diegues

Regresso a los orígenes

Domingo 28 de febrero de 2010

Yo era um brasileiro que acabava de despertar en medio al feroz terremoto em Santiago de Chile. Los vasos temblaban, el ruido cada vez mais forte, los cuadros caían. Yo no conseguia quedarme parado. Yo me caía al suelo como un borracho. El suelo parecia que iba a ceder. Yo tuve la sensacion de que me iba a morir. Mis manos temblavam y com las llaves yo pude abrir la puerta de la habitación del hotel. Yo sali de la habitación tironeado de um lado a outro como bola de billar zigzagueando sin rumbo. Yo tuve la paranóia de que un Godzilla gigante había llegado a Santiago y nos iba a comer vivos. Yo tuvo miedo de que el Godzilla gigante se morfara el edificio entero segundos antes de que yo conseguisse salir a la calle. Yo via que las personas gritavam y lloraban. Yo non gritaba nim lloraba pero mios ojos estaban sucios de pânico y non podia ver nada muy bien kuando encontrei a um señor. Yo y el señor nos dimos las manos como crianzas de 4 años. Yo y el señor después ayudamos a uma señora que gritava por socorro. El ruido era muy alto ahora. Yo estava completamente sordo. Yo tuve ganas brutales de hablar com personas que amo, mi madre, mi hijo, mis hermanos. Yo estaba en la calle en anatómiko em medio a las personas que corriam de um lado a otro kuando me di cuenta de lo que había passado y empezei llorar como uma crianza de 4 años. Una pareja de serbios se acercou y me ofereceu uma jaketa. Yo nom sentia frio nim calor nim nada pero me cubri com la jaketa y les dije muchas gracias com un abrazo. Ellos me invitaron a su casa y charlamos hasta después del amanecer. Mis nuevos amigos serbios estan muy assustados pero dicen que nada se comparaba a las bombas que la OTAN había lanzado en kontra suo país...



Douglas Diegues é escritor e tradutor em Ponta Porã, MS.
O texto foi extraído do blog "Portunhol Selvagem", editado pelo autor.

Impressão digital
laser colorida
Encadernações
Crachás
Cópias

**Til
Reprografia**

til@tilreprografia.com.br
3027 5907 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br



Fone/Fax:
00-55 (45) 3028-5503
e 3574-5503

Rua Antonio Raposo, 820
Centro - Foz do Iguaçu
Paraná - Brasil

um ensaio de Fábio Campana

Quimérico mundo

A partir desta edição, Fábio Campana vai nos brincar com uma série de ensaios inéditos envolvendo personagens e fatos extraordinários da história do mapa chamado América.



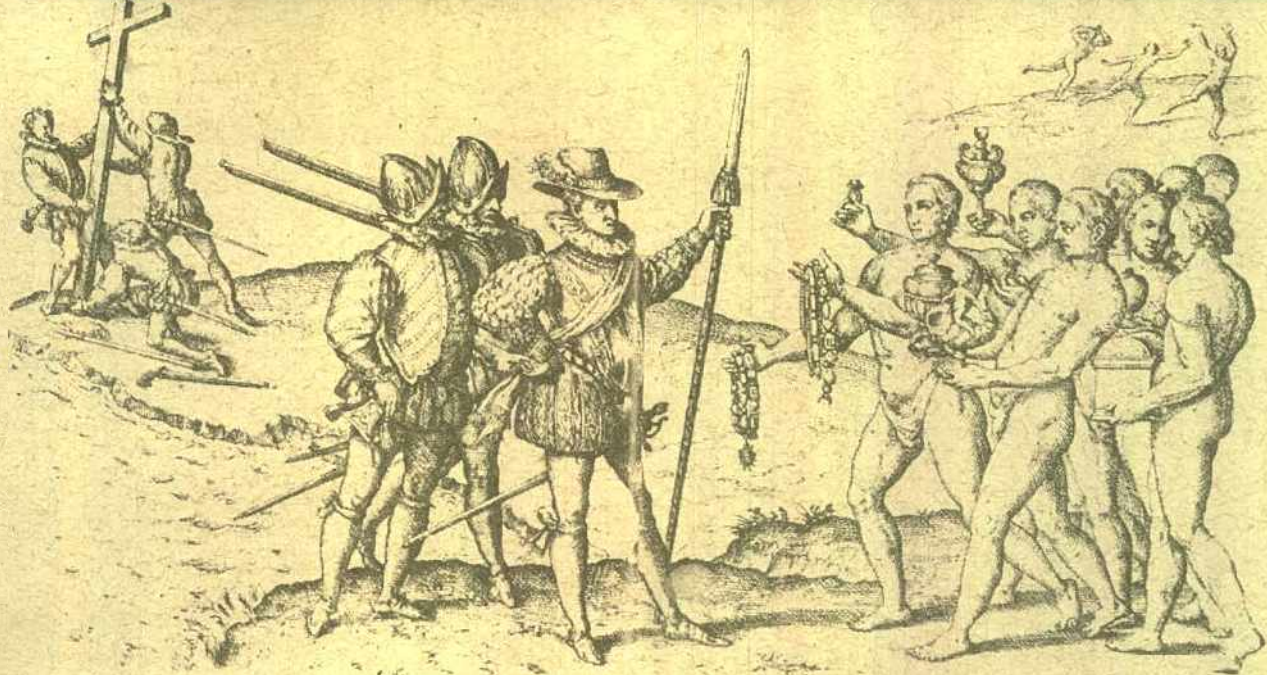
Ilustração de 1617, retratando a "fauna americana", composta por seres fantásticos.

As fontes de nosso realismo fantástico

Aonde nasce o realismo mágico, fantástico, que domina a literatura e as artes produzidas nesta parte do mundo e que nos deu García Márquez, Borges, Cortázar, Guimarães Rosa?

Meu compadre Helio Vera, escritor paraguaio que há pouco nos deixou, tinha a certeza de que a fonte desta literatura eram as crônicas dos primeiros navegantes que passaram pelo mundo até então desconhecido para os europeus e voltaram de suas viagens com relatos fantásticos que alimentaram e ainda alimentam a nossa imaginação.

Um deles é sobre o mítico Eldorado, que chegou a figurar nos mapas da época sem nunca ter sido encontrado, mudando de lugar e de forma segundo a fantasia de nossos cartógrafos.



A chegada da cultura européia à América em ilustração datada de 1600.

Outro é o mistério das onze mil mulas carregadas de ouro que saíram de Cuzco para pagar o resgate de Atahualpa e até hoje não chegaram ao destino e por isso mesmo ainda há quem persiga a lenda e procure por este tesouro nas trilhas dos Andes.

Dizem que durante a colônia eram vendidas em Cartagena das Índias galinhas criadas em terras de aluvião que tinham nas moelas pedrinhas de ouro.

Este delírio que vem dos nossos primeiros navegantes ainda circula no imaginário popular, assim como a história de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que procurava a fonte da Eterna Juventude, ainda hoje o sonho de muitos homens e mulheres que não se contentam com as cirurgias e as novas fórmulas para ao

menos parecerem mais jovens do que são.

Cabeza de Vaca passou por esta área do planeta onde o rio Iguaçu deságua no Paraná, em 1540. Ia para Assunção, onde assumiria como Adelantado de Espanha o vice-reinado do Prata.

Não vinha apenas atrás de poder. Sonhava descobrir no hemisfério sul o que não encontrara no norte, a fonte da eterna juventude. Mas tinha outro objetivo, o de descobrir o caminho para um império que produzia prata e ouro como lhe relatara um marinheiro que encontrara nas Canárias quando retornava de sua incrível expedição pela América do Norte.

Homem obstinado. Em busca da

fonte da Eterna Juventude, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, antes de passar por aqui, errou durante oito anos por territórios que hoje fazem parte do sul dos Estados Unidos e do norte do México. Uma expedição fantástica, na qual não faltaram antropofagia e falsa medicina. Só cinco sobreviveram a um naufrágio dos 600 que a empreenderam.

Cabeza de Vaca acabou doente, destituído de poderes e devolvido à Espanha como traidor. Dele restaram as narrativas sobre suas aventuras no norte e nestas paragens meridionais que ainda orientam homens de fé e imaginação.

Mais sorte teve Antonio Pigafetta, navegante florentino que participou da expedição de Fernão de Magalhães na primeira viagem de circunavegação ao



Quadro de um
ser fantástico
dotado
de rosto humano.
Amberes, 1557.

galeria extraordinária



Seres acéfalos, grafados
em manuscrito datado entre 1540 e 1550.

Ser fantástico
inspirado nos
relatos de Colón.
Ilustração de 1612



A morte
de Atahualpa,
assassinado
por Pizarro.
Ilustração
original
de Guamán
Poma de Ayala



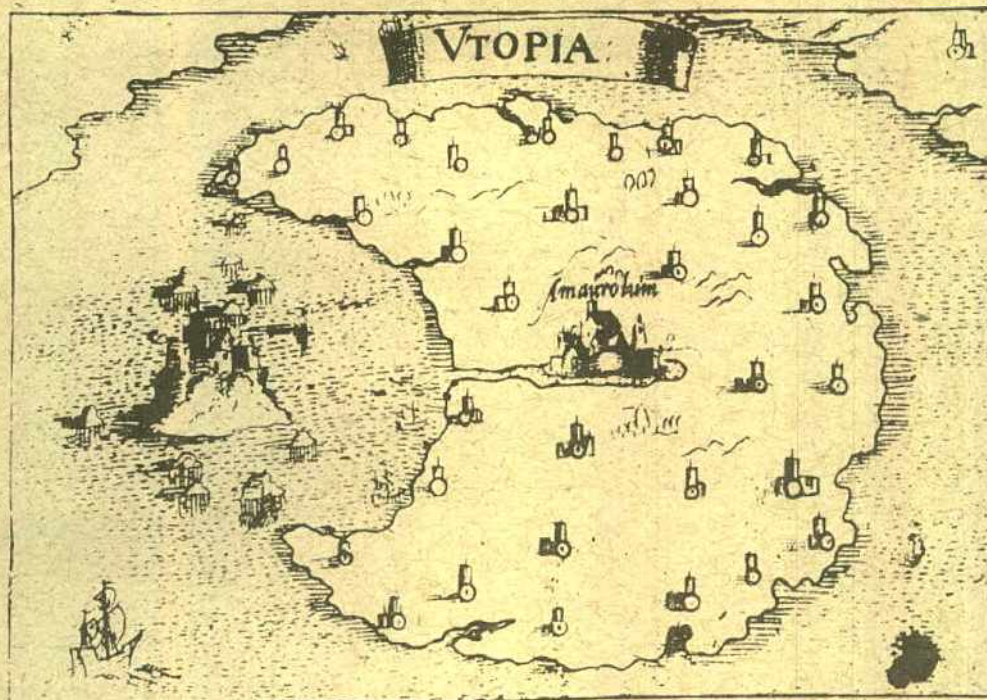
redor do mundo. Ele escreveu uma crônica extensa e detalhada desta viagem que parece uma aventura da imaginação.

Pigafetta não tinha outro recurso que o da comparação para descrever as maravilhas que ia conhecendo.. Contou que viu porcos com o umbigo nas costas, pássaros sem patas cujas fêmeas botavam seus ovos nas costas do macho, alcatrazes sem língua com bicos que pareciam colheres, viu um animal com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de cervo e relincho de cavalo.

Em seus relatos, Pigafetta contou que puseram um gigante nativo da Patagônia diante de um espelho e que ele perdeu a razão de pavor de sua própria imagem.

Vera agregava aos relatos dos navegantes a demência de alguns dos tiranetes produzidos neste lado do mundo. Um de seus personagens emblemáticos era o general Antonio Lopes de Santana, que foi ditador do México por três vezes. Santana ordenou funerais magníficos para a sua perna, que perdeu na chamada Guerra dos Pastéis.

O general Maximiliano Hernández Martínez, déspota teosófico de El Salvador, inventou um pêndulo para averiguar se os alimentos estavam



Em ilustração de 1612, a visão do Estado utópico de Tomás Moro.

envenenados, e cobriu o povo com papel roxo para combater uma epidemia de escarlatina.

E há essa legião constante de homens que ainda perfuram o solo paraguaio não para encontrar petróleo, mas atrás do tesouro que Solano Lopez teria enterrado em algum lugar entre Paso de La Pátria e Cerro Corá.

Loucura? Não. Estes relatos e

lendas são parte fundamental da base de nossa formação cultural e contaminam nossa percepção e nossas próprias narrativas, dizia Hélio Vera.

Muitas vezes de forma ilusória ou mentirosa, como o monumento ao general Francisco Morázan, que está na praça de Tegucigalpa. Na verdade é a estátua do marechal Ney, comprada em um depósito de esculturas usadas. ☼



Fábio Campana é jornalista e escritor em Curitiba, Pr.



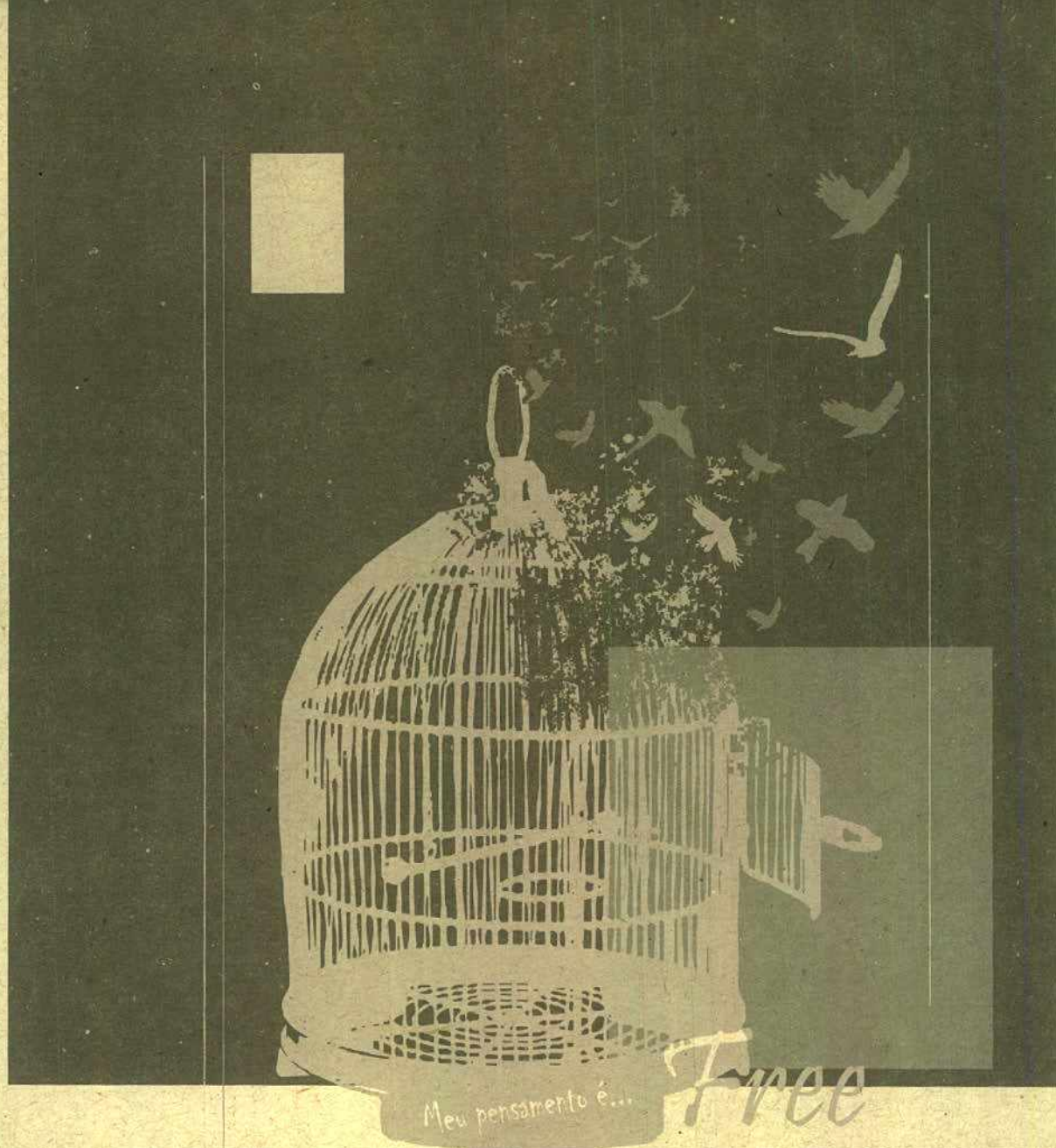
Kunda
LIVRARIA-UNIVERSITÁRIA



- ◆ 50.000 títulos disponíveis
- ◆ Livros raros e importados
- ◆ Livros didáticos e universitários
- ◆ Aceitamos encomendas
- ◆ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ◆ Condições para professores

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br



meu pensamento é free

Desenho vetorizado de Misk, artista gráfico em Foz do Iguaçu, Pr.



juventud perdida

Agujero sin fondo, oscuro.
Juego de rebeldes sin causa,
perdidos en el desierto de sus dudas.
Reos cautivos de la sociedad violenta y asesina.
Ignorantes que pudren las calles día a día.
Muertos en vida, muertos de alma.
Jovénes que no hablan, que no sienten, que no escuchan,
que no levantan su voz contra el desolador paraíso

Vida sin sentido com penas
que agobian y transtornan la mente.
Decir mucho es imposible, porque
de ellos nada se espera.
Sino pensamientos negativos,
acciones absurdas y extasis en la sangre.

ultimo deseo

En el final juntenme al tajy(*)
Olvidenme bajo sus ramas
Cubranme con sus hojas
Endúlceme con sus flores
Sus raíces se nutrirán con mi cuerpo
Floreceré cada primavera y
Viviré para siempre.

analia
gonzález gamez

(*) Tajy - Nome em guarani de árvore típica
da região das três fronteiras.
Em português, ipê ou lapacho.



Analia González Gamez é atriz
e estudante de Direito em Ciudad del Este, Paraguai.

Poesia Pau-Brasil

O que o Oswald queria
Era que a nossa poesia
Fosse tipo exportação
Feito o café, feito o grão.

Mas acontece que hoje em dia
Como todas as coisas da vida
Tem como base o cifrão,

Até a nossa poesia
Sofreu desvalorização.

Lágrima de um tupi (à Nísia)

No patropi plutocrata
à moda tupiniquim
entre a miséria e a desgraça
a alegria tem seu fim.

Onde tudo é permitido
seja o crime ou carnavalesco,
opressor e oprimido
na Paulista ou na Central.

A mãe pátria é violada
desde as naves de Cabral.
E as índias nuas choram
sem consolo paternal.

Semeia lágrima tal
a brava tribo do norte,
grito calado afinal
sem canto, somente morte.

alguns poemas

de Daniel Braga

Retorno

Minha terra já teve palmeiras
Onde cantavam sabiás.
Hoje existem no máximo umas pombinhas
Que vivem nas praças a ciscar. Tal qual
Hienas famintas se gladiando pelo milho
Jogado por velho que não tem nada melhor
Para fazer. E ainda por cima, quando voam,
Ficam cagando
Na cabeça daqueles que sonham em
Voltar para a terra do exílio.



Daniel Braga é estudante
universitário em
Belo Horizonte, MG



Coruja

Fotografia de **Gustavo Araki Nagata**, técnico em informática e fotógrafo em São Paulo, SP. Produzida no "Fuji Flower Park", em Motoosu-shi, Japão.

olhos

escrita

29

real

A realidade explora os meus sonhos
e a esperança está esfarelada pelos cantos.

A ignorância maltrata o meu modo de pensar.

Essa saudade vinga a sua ausência,
e a ilusão submergida afoga minhas agonias.

A inocência está perdida,
e o passado só é acessado pelas memórias.

Todos os meus ideais estão sendo
estraçalhados em um lugar globalizado!

Giovanna Ritchely Freire

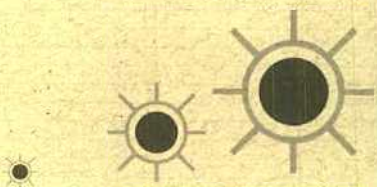


Ilustração de **Adriana Soares Tashiro**,
estudante de História em Foz do Iguaçu, Pr.

Poemas de **Daniela Schlögl**,
arte educadora em Foz do Iguaçu, Pr.,

Giovanna Ritchely Freire,
estudante de Pedagogia em Foz do Iguaçu, Pr.,

e **Maria Cristina de Nadai**,
estudante do ensino médio em Cascavel, Pr.

menino

Menino dos sonhos loucos,
Das idéias estranhas,
Menino que tenta juntar grãos de areia,
Para formar o fundo do seu oceano.
Oceano de loucuras,
De graça e risada.

Menino que acompanha,
Mesmo que de longe
Que guarda os meus segredos
Atrás de sua estante.
Nos meus desenhos,
É lá que ele sempre está.

É meu Sancho Pança,
Viaja comigo,
Nas mais estranhas loucuras,
Menino, é em você que vejo proteção,
Minha vida segue em frente,
e só você me entende.
Menino dos olhos loucos,
Que eu jamais esquecerei!

Maria de Nadai

Assuntos inacabáveis

A gente sempre tem um assunto
inacabável

Não eu e você

A gente, nós. Eu e eu.

É assunto, porque no momento
em que estamos conversando
parece uma boa pauta.

Assunto inacabável.

Mesmo que um e outro não combinem.

O Assunto quando está em questão
ele é atual, como o assunto do dia.

E...inacabável não é como eterno,
eterno é eterno e pronto,
sem problemas.

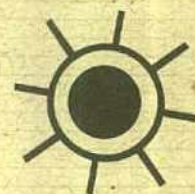
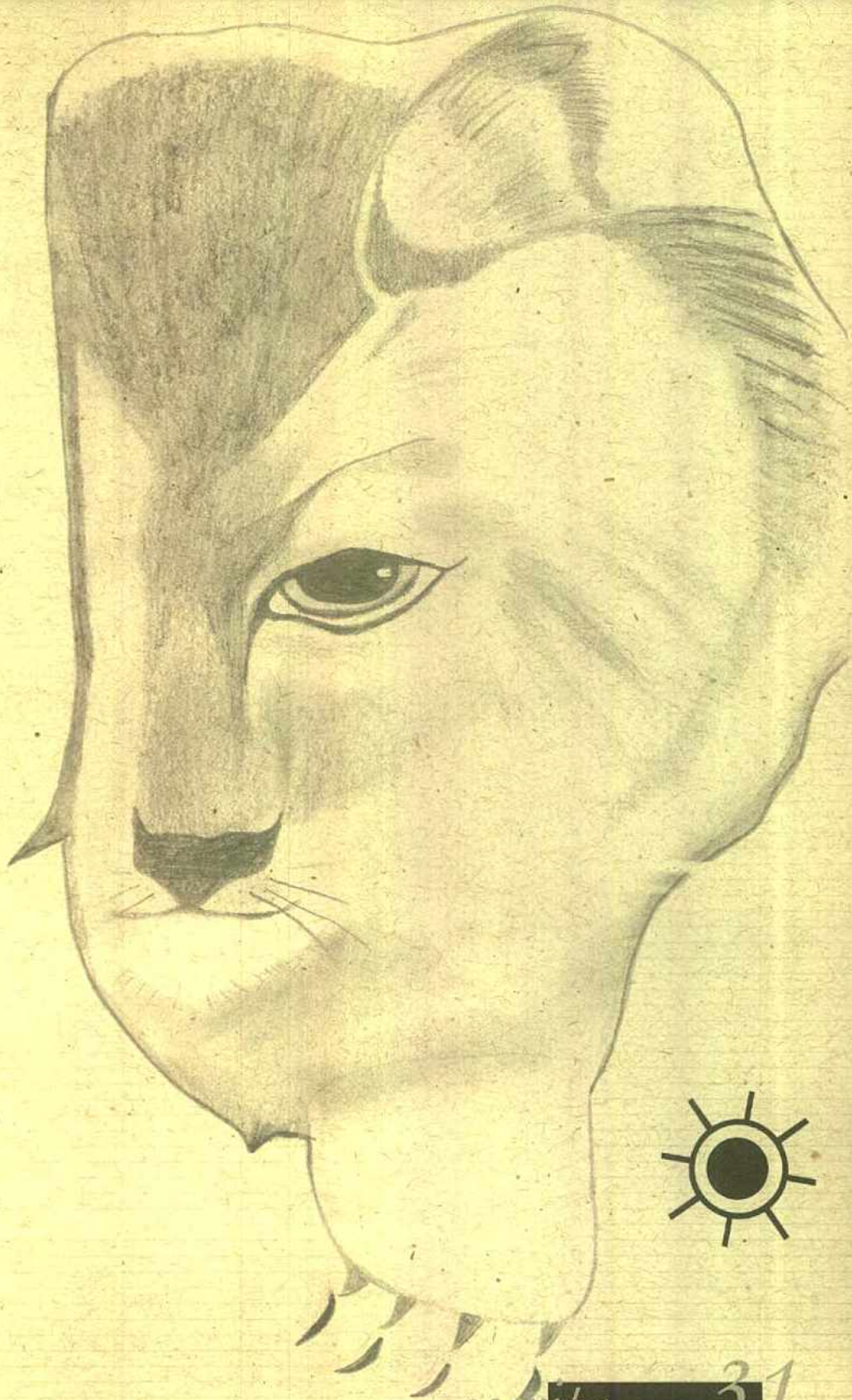
Inacabável, é uma coisa! Você sempre
acha que está acabando e nada,
é inaaacabáááável.

Então, sempre temos deste, eles vão
por algum tempo, mas quando a luz
de algum poste queima logo ele
aparece no escuro.

Às vezes uma porta de um paraíso
se abre e lá ele para problematizar
o que parecia simples.

Mas sabe, eu estou quase convencida
que assuntos inacabáveis são normais.
Por mais perigoso que isso seja!
Olha ele aí outra vez.

Daniela Schlögl



VIVERO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.



ADVOCACIA

Criminal - Cível - Trabalhista

Fone: (45) 3027.1779

Av. Brasil, 531, Sala 54,
Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.

KUMON™

MATH. READING. SUCCESS.

Um estudo eficaz
e independente
para seu filho.

Matemática e Português

Fones: 3523-2535

8801-2363

Unidade Maracanã

Rua: P. Venanti Otembra, 107
Foz do Iguaçu - Pr

MEGAFONE



Projeto
de comunicação
cidadã

www.megafone.inf.br

uma crônica de alexandre palmar

Ahhh, Pôr do Sol

Três horas da manhã. A morena exibe as pernas na Pôr do Sol com a Costa e Silva. Ela assume o posto de trabalho numa rápida troca de turno com sua colega. Seu primeiro cliente é um senhor num carro importado. Algumas palavras são o suficiente para fazê-la entrar no veículo e voltar minutos depois pensando nas novas confidências do cliente fiel.

A uma quadra dali, a boate é palco da despedida de solteiro de um rapaz cobiçado por inúmeras moças ditas de família. A festa é completa: mulher com mulher, para deleite dos machos, e homem com homem, para alegria do noivo, que não se faz de rogado e aproveita o momento de libertinagem. Vale tudo até que venham as promessas ao pé do altar.

A folia na casa noturna é só para convidados. Festão público naquela noite, no alto da avenida, apenas no Ginásio Costa Cavalcanti, porém mediante pagamento de ingresso. A cada gol o artilheiro beija a camiseta e faz cena pra arquibancada. Os torcedores retribuem a encenação mordendo cada pedacinho da bandeira do time. Mais uma amostra de paixão descontrolada, dessa vez diante

das lentes de fotógrafos e cinegrafistas.

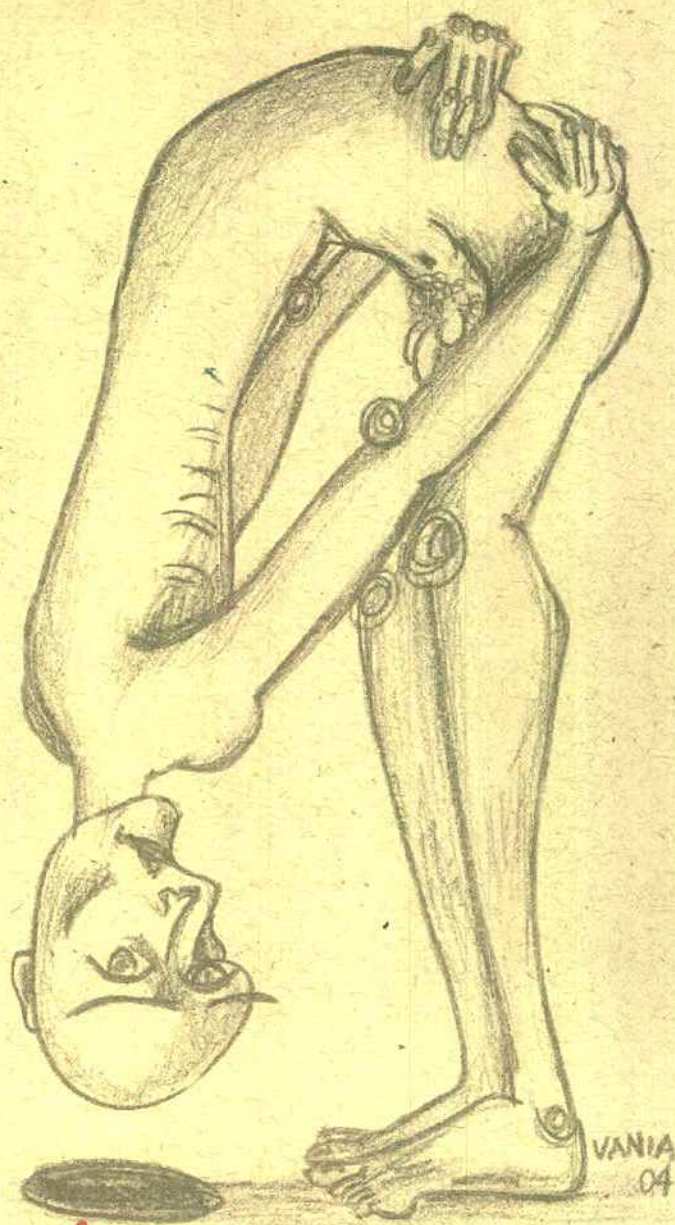
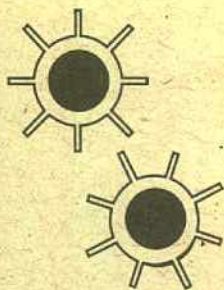
Ali perto adolescentes fogem do pastor para respirar um ar puro na calçada da Igreja Deus é Amor. Sob o luminoso do Templo de Deus, o casalzinho dá uns amassos de fazer inveja aos bem casados. A duas quadras católicos ignoram os padres pedófilos e renovam a fé em Cristo no décimo churrasco do ano em prol da interminável construção da Igreja Menino Jesus.

Esses metros quadrados da Pôr do Sol são mesmo democráticos. Neles, ao longo da noite, ainda tem espaço para o assistente da executiva bater o ponto no apartamento do motel, enquanto as mãos entrelaçadas dos velinhos sentados nos bancos da "Praça dos Skatistas" contrastam com as mãos rápidas da gurizada sob a ponte do Rio Boicy.

Não tem tempo ruim para aquela avenida de Foz do Iguaçu. Nem as crateras no asfalto tiram o seu brilho. As promessas de amor supremo pipocam naquelas redondezas quando chega o crepúsculo. Um pedaço de chão que levanta uma dúvida nos bisbilhoteiros: dedurar ou louvar os homens e mulheres sem vergonha? ★



Alexandre Palmar é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



homem nu

Desenho de Vania Pierozan, designer gráfico em Porto Alegre, RS.

opção

Contar histórias: uma arte?

**Antes eu contava histórias porque queria mudar o mundo.
Hoje eu conto histórias para que o mundo não me mude.**

Não é novidade para ninguém a imagem de um ancião reunindo um grupo de pessoas jovens para contar a elas um “causo”, uma “lição de vida” ou uma parábola. O fato é que em torno do fogo (ou de um fogão à lenha) ou ainda de um toco de vela, muitos já experimentaram sensações que vão da fé à incredulidade. O fato é que nós acostumamos a “viajar” na voz do outro, aceitamos partir com nosso herói para as aventuras da vida. Todavia, sempre torcemos pela vitória do herói, pois, como é sabido, a vitória dele é a minha vitória, o sucesso dele é o meu sucesso e estamos sempre em busca de um “...e viveram felizes para sempre...”

Por essas razões, dominar a arte de contar histórias é um ato de altruísmo. Somos instrumento, um elo entre o mundo de lá (onde vivem as histórias) e o mundo de cá (onde há gente sofrendo, precisando de uma palavra de estímulo, ou uma boa dose de humor). O contador de histórias é uma criatura que carrega muitas “pessoinhas” dentro de si. Sua sabedoria materializada no olhar e no gesto faz brotar em nossa mente e em nosso coração os sentimentos que com o tempo perderam-se no corre-corre de nossas atividades cotidianas.

Por isso posso definir a contação de histórias como um exercício de ampliação, transformação e/ou enriquecimento da própria experiência de vida, para

que essa seja renovada. Num encontro com o imaginário, com os medos, com as frustrações e, também, com as possíveis realizações que almejamos, poderemos desenvolver, primeiro em nós, e depois em nossos alunos, além da construção da realidade social, a formação de valores e conceitos para uma aprendizagem mais significativa, mais valiosa, associando teoria e prática, diversão e aprendizagem, paixão e leitura...

Dessa forma a atividade de contação de histórias não deve servir como um “tapa-buraco”, ela deve estar incluída na rotina diária da sala de aula. O professor deve estar bem preparado e criar rituais, os quais podem variar desde a montagem de um ambiente agradável (brinquedoteca, cantinho da leitura, por exemplo), até a incorporação ao ambiente da sala de aula de elementos da natureza (uma flor, uma vela acesa, cristais coloridos, incenso, um vaso de argila, uma toalha bonita, etc.) até uma música adequada, a qual, sempre que for cantada, dará início à contação. Assim, nossos alunos estarão preparados para o que irão ouvir, pois, “contamos histórias, não para fazer dormir, mas sim, para “fazer acordar”. Acordar sonhos, medos secretos, frustrações, desgostos, amores, desamores, acordar para a vida, para a imaginação do impossível, do abstrato, do irreal, os quais podem muito bem transformar-se em soluções para os problemas mais adormecidos e os quais nem imaginávamos existir.

Para encerrar, deixo uma reflexão a todos os educadores, utilizando-me das palavras do Grupo Morandubetá Contadores de Histórias: “contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pelo livro... pela história... pela leitura. E tem gente que ainda duvida disso.” *



Luiz Carlos Felipe é professor de Contos Velados e Desvelados, no Instituto Aprender, em Joinville, SC. Especialista em Estudos Literários, contador de Histórias formado pela Casa do Contador de Histórias.

camisetas
da epidemia de poesia



Peça já a sua pelo e-mail: guata@guata.com.br

H₂FOZ
O Portal das Cataratas

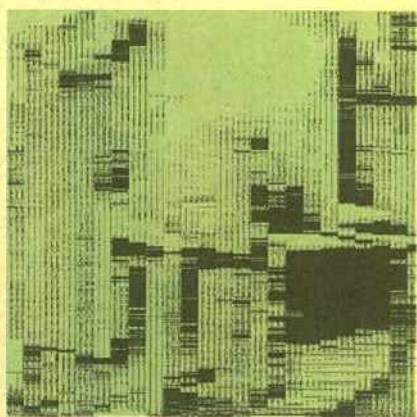
A agenda cultural mais
completa da fronteira!

* Notícias * Fotos * Opinião
* História de Foz * Crônicas

www.h2foz.com.br

Twitter @h2foz

leia livros



(41)3079.9997

www.travessadoseditores.com.br


ideal
indústria gráfica

NOVO ENDEREÇO

Av. dos Imigrantes, 80 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / Foz do Iguaçu - PR

TEMPORADA

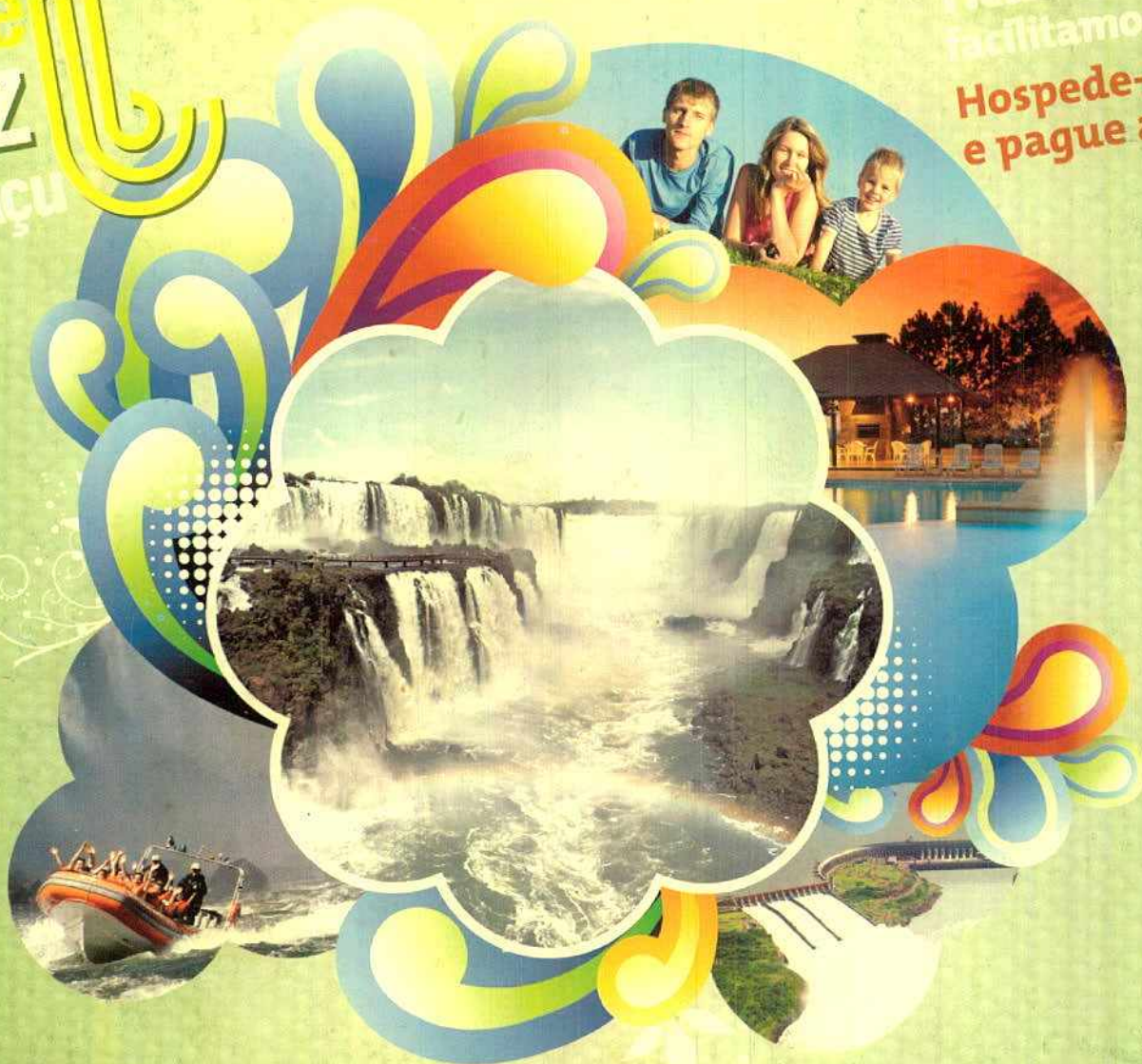
BOA E

FOZ

do Iguaçu

Você já ia querer
ficar mais. Nós só
facilitamos.

Hospede-se 4 dias
e pague apenas 3.



Até 30 de junho, você se hospeda em Foz de Iguaçu por 4 dias e paga apenas 3. Assim, você aproveita tudo que a cidade oferece com mais tempo e economia. Procure no site os hotéis participantes e faça já sua reserva.

www.temporadaboaemfoz.com.br

PARCEIROS



Regulamento: A promoção Temporada Boa em Foz de Iguaçu é válida no período de 15/05/2010 a 30/06/2010, exceto em feriados prolongados. Na compra de um pacote de hospedagem de três diárias, o hóspede ganha a quarta diária de hotel. Promoção sujeita à disponibilidade de vagas e às condições comerciais dos hotéis participantes. Não inclui despesas de alimentação, transporte, ingressos para atrativos ou quaisquer despesas de outra natureza. Consulte a relação dos hotéis participantes no site.